

104.º ANIVERSÁRIO DO ARMISTÍCIO DA GRANDE GUERRA, 101.º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA LIGA DOS COMBATENTES E 48.º ANIVERSÁRIO DO FIM DA GUERRA DO ULTRAMAR – 11.11.2022

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Exma. Senhora Ministra da Defesa Nacional Prof.^a Dr.^a Helena Carreiras, os nossos sinceros agradecimentos por se ter dignado presidir a esta nossa cerimónia nacional da Liga dos Combatentes de homenagem aos Combatentes, à Liberdade e à Paz.

Exmo. Senhor Presidente da Comissão Parlamentar de Defesa Dr. Marcos Perestrello, registamos com profundo agrado e reconhecimento a presença de V.^a Ex.^a nesta Cerimónia Nacional da Liga dos Combatentes, instituição que tão bem conhece.

Exmo. Senhor Chefe do Estado-Maior da Armada, Almirante Gouveia e Melo, em representação do Almirante Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas.

Exmo. Senhor Chefe do Estado-Maior da Força Aérea General Cartaxo Alves.

Exmo. Senhor General Comandante do Pessoal do Exército Tenente-General Eugénio Henriques em representação do General CEME.

Exmo. Senhor Superintendente-Chefe Magina da Silva, Diretor Nacional da PSP

Exmo. Senhor Brigadeiro General Borlido Rocha, em representação do General Comandante-Geral da GNR

Exmos. senhores Generais Pina Monteiro e Rocha Vieira, antigos Chefes de Estado-Maior

Exmo. Senhores representantes do Presidente da Câmara Municipal de Lisboa e da Junta de freguesia e Belém

Exmo. Senhor Secretário-Geral e Diretores Gerais do MDN

Exmos. Senhores Almirantes e Generais, presentes

Ex.^a Reverendíssima Bispo das Forças Armadas e de Segurança, D. Rui Valério

Sua Alteza D. Duarte Nuno Duque de Bragança

Exmos. Senhores Embaixadores da França e de Angola Stephan Vojetta

Exmos. Adidos de Defesa do Reino Unido e Adido de Defesa do Reino Unido em representação do Senhor Embaixador, Adido de Defesa dos EUA; do Brasil, da França e da Alemanha.

Exmos. Senhores Presidentes das Associações Francesas, Inglesas e Portuguesas presentes

Exmos. membros Honorários, do Conselho Supremo da Assembleia-Geral, do Conselho Fiscal e Presidentes dos Núcleos da Liga dos Combatentes

Ilustres Convidados
Membros da Comunicação Social
Caros Combatentes e Exmas. famílias
Minhas senhoras e meus senhores

Neste espaço simbólico, onde se respira História de Portugal e é sagrado para os combatentes por Portugal, evocamos hoje, mais uma vez, os combatentes, a liberdade e a Paz.

Em especial a Paz coletiva resultante do tratado de Versalhes que pôs fim à Grande Guerra.

A Paz coletiva resultante do 25 de Abril que pôs fim à Guerra do Ultramar.

A Paz individual, interior e física, proporcionada pelo apoio garantido pela Liga dos Combatentes aos combatentes por Portugal, ao longo do último século.

Estes três motivos humanitários e patrióticos justificaram a criação deste espaço de memória, da Torre de Belém ao monumento às Operações de Paz e Humanitárias, passando por um Forte respirando história e abraçando lápides com cerca de dez mil nomes, de combatentes caídos em campanha, uma capela e um memorial ao soldado desconhecido do ultramar.

Um espaço de memória que evoca Paz e os que por ela lutaram e caíram por Portugal, e se encontram em Paz eterna.

As circunstâncias do mundo de hoje levam-nos, justificadamente, a evocar o Armistício da Grande Guerra e o fim da Guerra do Ultramar, recordando o sentimento de luto, e simultaneamente de alívio, de alegria, de liberdade, de sobrevivência e de esperança de uma nova vida, que o fim da guerra provoca e proporciona.

Nos dias de hoje, ambicionamos, pois, que aconteça Paz, com urgência, na guerra que ocorre a leste da Europa, embora o provocador da mesma, ameace permanentemente estende-la a toda a Europa, ameaçando mesmo tomar medidas que poderiam conduzir a um conflito global.

No Séc. XXI, com atores, com páginas negras e gloriosas de história, que se consideram do primeiro mundo, não se compreende haver ainda ambição política hegemónica, imperial, estratégica, tática, ou mesmo local, que justifiquem operações militares especiais ou guerra de destruição, que, ofensivamente, com pretensiosos argumentos defensivos e sem qualquer diálogo com os atores a quem se opõem, procurem conduzir à destruição de sociedades organizadas e à implantação de uma nova geografia humana, esquecendo os valores morais de quem se vê obrigado a defender-se e os reais valores da Paz, serem ofendidos por quem intempestivamente decide atacar militarmente.

Compreende-se, pois, que comemorar anualmente a Paz, resultante do fim da Grande Guerra e da Guerra do Ultramar, como incentivo à Paz global, seja o nosso propósito tradicional. Mas dar-lhe a maior projeção possível, é tarefa que nos ultrapassa, cabendo aos poderes políticos e também à comunicação social completar os ecos desta nossa posição e ação permanente. Conhecemos a guerra. Odiamos a guerra. Ao nosso nível, mais uma vez, será mais um sinal de alerta, uma mensagem que se deseja transmitir e sublinhar de que, uma vez experimentada a guerra, é paranoico voltar a desencadeá-la e mantê-la, contra tudo e contra todos, e nós que o digamos, sem que se vislumbre um momento de reflexão pacífico sobre as ações políticas, estratégicas e táticas que merecem a reprovação, praticamente, de todo o mundo.

Hoje, evocamos a manhã lucida, de 11 de novembro de 1918, que pôs fim a uma guerra a que os historiadores deram o nome de Grande Guerra, para passados cerca de vinte anos, se verem obrigados a chamarem-lhe 1.^a Guerra Mundial, porque a Europa e o mundo, se viram envolvidas novamente em algo aterrador e a que só o terror superior da arma nuclear pôs fim, após dezenas de milhões de mortos, civis e militares.

A História não se pode repetir, devendo nós lutar por isso a todo o custo, seja a leste, seja a oeste, da área selecionada pelo princípio de Mackinder.

Minhas senhoras e meus senhores

Curiosamente, o 11 de novembro de 1975, torna-se também, simbolicamente, um dia de paz para Portugal. Hoje, 11 de novembro de 2022, Angola, onde teve início o conflito do ultramar, comemora, mais uma vez, a sua independência, embora do anterior, conturbada por trinta anos de guerra civil.

Nós comemoramos aqui, hoje 11 de novembro, o fim da Guerra do Ultramar. Somos a única instituição do país que o faz publicamente, até hoje, com o inestimável apoio das Forças Armadas e do Ministério da Defesa Nacional.

Cumpre-nos, pois, a nós combatentes, que conhecemos a guerra, evocarmos sistematicamente a Paz, composta de bem-estar, diálogo e diplomacia, que promovem desenvolvimento e evitam destruição e morte.

E a forma que encontramos mais válida para apelar à Paz é invocar o passado violento da nossa História, essa mãe da vida, enaltecermos os que se viram obrigados a fazer a guerra, para preservar os valores superiores e últimos do seu país, defendendo a memória dos seus antepassados e conduzindo à garantia da preservação dos objetivos vitais de Portugal, da Liberdade e da Paz, quando se esgotaram todos os outros meios para os defender. É fundamental que para isso estejamos, em permanência, moral e materialmente preparados. Nós combatentes da Guerra do ultramar, aprendemos a combater, para garantir a paz individual e coletiva, quando, enviados pelo poder político de então, nos deparámos com um inimigo, oriundo das conferências de Bandung 1955, que se organizou para nos fazer a guerra. Nós combatentes do ultramar, fizemos a guerra a quem nos fazia a guerra. Combatemos o bem combate e apoiamos as populações. Promovemos a Paz integral.

Contivemos a guerra em áreas limitadas de Angola e Moçambique e contribuímos, decisivamente para a Paz e desenvolvimento até aí nunca atingido, de grandes espaços geográficos e populacionais que, por isso, nunca sentiram a guerra e, pelo contrário, sentiram prosperidade e bem-estar, proporcionado pela ação das Forças Armadas portuguesas.

Houve de facto, uma forma portuguesa de fazer a guerra. Aberturas de escolas, de estradas, de cinemas, de igrejas, de aeroportos, de hospitais e centros de saúde, desenvolvimento regional, contacto e apoio das populações, impediram a violência e criaram uma doutrina de conta subversão. Uma vez mais em África acontecia “obra de soldados”. Não temos por isso qualquer complexo ou sentimento de culpa. Não fizemos nenhuma guerra colonial. Em rigor histórico, nunca fomos mobilizados para as Colónias. Fomos mobilizados, constitucionalmente, para o Ultramar, Nunca, como soldados e combatentes, nos sentimos colonialistas.

Nós, as Forças Armadas e os seus combatentes, não temos, pois, que pedir perdão a ninguém. Não envergonhámos a história, ao contrário do poder político de então. Pelo contrário, os poderes políticos teriam que nos pedir perdão, a nós combatentes, por nos terem enviado para uma guerra, legal, porventura ilegítima, e à partida, e durante longos anos, condenada pelas instâncias internacionais. Pedido, devido às famílias forçadamente regressadas ou que, neste monumento, veem em lápides, o nome de seus filhos, símbolos de determinação e sacrifício, no cumprimento superior de uma missão recebida, numa guerra conduzida, como definiu o general Costa Gomes, comandante-chefe das Forças Armadas em Angola, da forma mais humana possível.

Hoje, os combatentes, independentemente de circunstâncias com que se veem confrontados e ambicionam resolvidas, devem sentir-se orgulhosos por o Governo e a Assembleia da República terem aceite a proposta da Liga dos Combatentes para que fossem considerados Titulares do Reconhecimento da Nação, embora decisão histórica tomada, 48 anos após o fim da guerra. Orgulhamo-nos por ter conseguido finalmente esse reconhecimento, que é uma leitura perfeita do sentimento do Portugal profundo, inúmeras vezes por nós testemunhado.

À Liga dos Combatentes está vedado estatutariamente tomar parte em atividades políticas, partidárias ou ideológicas. Não se rege, nem alimenta, por isso, situações pontuais suscetíveis de confrontação política a qualquer nível.

Bate-se sim, na linha do seu lema por “honrar os mortos e lutar pela dignidade dos vivos”. Luta não significa para nós, combate ou confrontação, significa esforço e trabalho árduo para que, alertando e argumentando frontal e lealmente, os decisores, se consiga algo que promova justiça social e à saúde dos combatentes. Por isso, voltamos aqui hoje, honrando os nossos combatentes mortos e estaremos amanhã, no Portugal inteiro e na diáspora, continuando a lutar pela dignidade dos nossos combatentes vivos. Honra-nos termos servido Portugal, como fizeram os nossos antepassados da Grande Guerra, nos mesmos espaços estratégicos em que nós o voltámos a fazer, e regendo-nos pelos mesmos princípios e valores vitais por que se batem hoje, no novo ultramar português, os que continuam a servir Portugal, onde Portugal os envia.

Minhas senhoras e meus senhores

Antes de terminar saliento que, no corrente ano, a Liga dos combatentes decidiu prestar homenagem à ação da Armada portuguesa no Ultramar.

Agradeço todo apoio do senhor CEMA Almirante Gouveia e Melo. Iremos ouvir seguidamente o Senhor Contra-Almirante Leiria Pinto sobre o tema. Posteriormente será inaugurada uma exposição, no Museu do Combatente, subordinada ao título “Sobre a terra e sobre o mar -A Armada no Ultramar” e, pelas 15h00, no mesmo lugar, decorrerá uma tertúlia sobre igual tema.

Minhas senhoras e meus senhores

É nesta determinação de preservar e conservar a Memória e revisitar com rigor a história que, uma vez mais, reafirmo que nos honra, como combatentes da Guerra do Ultramar e do 25 de Abril, termos sido parte integrante de uma das Batalhas Decisivas da História de Portugal.

Por isso jamais esquecemos os valores intrínsecos da Paz e da Liberdade.

E aqui estamos mais uma vez neste espaço de memória histórica dos combatentes, que para terminar, passo a sinteticamente caracterizar:

DO INÍCIO AO FIM DO IMPÉRIO

*Rodeia-nos gente de vários quadrantes
Bom Sucesso é um ponto convergente
Entre princípio e fim do Império
Aqui se juntam sábios e ignorantes
Aprendendo a história de outras gentes
Dos portugueses conhecendo o génio*

*De um lado uma Torre de Belém histórica
De belo rendilhado manuelino
Do outro um monumento simbólico
Do fim do Império marco de destino
Tendo ao meio belo forte alegórico
Do século dezoito vespertino.*

*Em duzentos metros cabe a História
Em lugar repleto de nossos credos
Aqui é grande a pequena memória
Aqui são pequenos os grandes medos
Quando neles se juntam heróis e glória
Deus e Santos glorificam portugueses.*